

PROJETO DE EXTENSÃO: CONSTRUINDO SABER: ÈDÉ LAMÍ, BREVE ANÁLISE NO CONTEXTO INCLUSIVO DA SALA DE AULA.

Wermerson Meira Silva (1); Denise Dias de Carvalho Sousa (2);

(1) (2) Universidade do Estado da Bahia / MPED
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB
wermerson@uesb.edu.br, denisecsousa@gmail.com

Resumo:

O desenvolvimento do projeto de extensão em Língua de Sinais Brasileira (LSB), principalmente na área da Identidade e Cultura tem uma importância sócio-cultural e educacional ainda pouco difundida. Este trabalho teve por objetivo investigar uma escola inclusiva no Município de Jacobina-BA em seu cotidiano com alunos/as surdos/as, e a interação do processo de alfabetização na perspectiva do letramento com a temática relacionada à Disciplina de Identidade e Cultura do ensino fundamental. Como a escola tem suprido a necessidade de aprendizagem dos discentes referente essa temática? O projeto Construindo o Saber: ÈDÉ LAMÍ¹ poderá contribuir com os surdos/as na escola inclusiva do Município de Jacobina-BA? Desde 2014, foi criado o projeto de extensão: Construindo o saber: Edé Lamí, sem ônus, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, com proposta de criação dos sinais - termos relacionados a Cultura Afro-Brasileira da nação Ketu/Nagô, juntamente com discentes da Universidade do Sudoeste da Bahia -UESB e membros externos que estão envolvidos com as comunidades surdas. Teremos como referencial teórico: SOARES (2006), GESSER (2009), SANTOS (2007) e QUADROS (2004). A pesquisa foi realizada através da abordagem de natureza qualitativa. Nessa abordagem a professora e a Tradutora e Intérprete de LSB responderam questões que envolveram uma ou mais variáveis, além disso, as profissionais responderam com base na sua realidade e vivência com alunos surdos/as, com as análises de dados e considerações finais.

Palavras-chave: LSB, Cultura, Identidade, Educação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar uma escola inclusiva no Município de Jacobina-BA – Piermonte da Chapada Diamantina, como o cotidiano com alunos surdos, e a interação do processo de alfabetização na perspectiva do letramento com a temática relacionada à História e Cultura Afro-Brasileira, do ensino fundamental, como a escola tem suprido a necessidade de aprendizagem dos discentes referente essa temática? A partir dos meus conhecimentos e estudos relacionados à temática, percebi a grande necessidade de discutir no âmbito da Universidade a Cultura Afro-brasileira e a proposta de léxico que contribua para as comunidades surdas sendo: professores de Língua de Sinais Brasileira -

¹ ÈDÉ LAMÍ expressão oriunda da língua Yorubá, traduz para o português como Língua de Sinais.

LSB, discentes surdos, tradutores e intérpretes e comunidade em geral que dispõem aprender a LSB.

Aprendi a Língua de Sinais Brasileira – LSB desde criança, a minha mãe trabalhava em uma escola na década de 90, que tinham surdos/as, eles e elas estavam inseridos/as em uma sala especial, o único contato que tínhamos eram no intervalo, com a necessidade de interação dos discentes ouvintes com os surdos/as a professora de educação especial, trabalhava o alfabeto conosco, às vezes os surdos visitavam a minha mãe em casa, professora da escola na época, isso foi despertando em mim o desejo de aprofundar na LSB, quando completei dezoito anos, comecei a trabalhar como professor e Tradutor Intérprete de LSB, nessa trajetória como pesquisador, nunca ouvi, ou até mesmo assisti vídeos que discuta a História e Cultura Afro-brasileira no contexto da Língua de Sinais Brasileira – LSB.

O interesse em pesquisar essa temática, foi perceber a necessidade do léxico específico para interpretação na Conferência Estadual de Cultura Baiana em Vitória da Conquista-BA no ano de 2012, que abordou discussões e musicalidades a respeito dos Orixás, simplesmente fazia a datilologia (soletração alfabética do termo) sem aprofundar os conceitos e sem os sinais específicos da área. Partindo da carência de estudos e propostas de sinais-termos referente à História e Cultura Afro-brasileira desenvolvi o projeto de extensão: Construindo o saber: EDÈ LAMÍ, sem ônus, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, no ano de 2014, com proposta de criação dos sinais termos da Cultura Afro-Brasileira da nação Ketu/Nagô, juntamente com discentes da Universidade do Sudoeste da Bahia -UESB e membros externos que estão envolvidos com as comunidades surdas.

O objetivo de criação de palavras novas é:

Na língua sempre aparecem palavras novas quando fenômenos novos ocorrem, quando uma nova ideia, um fato, um novo objeto surge, são inventados, e então é necessário ter um nome para aquilo, porque o ser humano não sabe viver sem nomear as coisas: enquanto nós não as nomeamos, as coisas parecem não existir (Soares, 2004, p.34).

Portanto o projeto de extensão serviu como base a criação de sinais-termos dos Orixás da nação Ketu/Nagô, para que os surdos/as pudessem acompanhar os sinais - termos para a melhor comunicação e entendimento dentro dos terreiros que frequentam, no processo de alfabetização na perspectiva do letramento com a temática História e Cultura Afro-brasileira na escola inclusiva do ensino fundamental e divulgar os sinais dos Orixás no contexto social.

O processo de ensino-aprendizagem para os alunos surdos na alfabetização com na perspectiva do letramento nos espaços inclusivos se dá através da língua natural Libras, oficializado pela Lei 10.436/2002.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Com a oficialização da Língua de Sinais Brasileira (LSB), no País, deu o direito as comunidades surdas a toda transmissão de ideias, fatos, expressão e comunicação, na perspectiva inclusiva, e sua capacidade nos diferentes contextos sociais, dessa forma, a alfabetização na perspectiva do letramento para os surdos, é reconhecer que o processo de aprendizagem escolar deve acontecer na língua natural dos surdos, e segunda a língua portuguesa.

O letramento não pode ser considerado um “instrumento” neutro a ser usado nas práticas sociais quando exigido, mas é essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais. (Soares, 1998, p.75)

Partindo do pressuposto das escolas inclusivas, as práticas na sala de aula devem ser orientadas de um modo que promova a alfabetização na perspectiva do letramento através das habilidades para a efetivação da tecnologia da escrita.

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...: habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mãos desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva da escrita no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor [...]. (Soares, 2001, p.92)

Ao trabalhar os conteúdos na sala de aula, através de uma língua que contemple as especificidades do aprendiz, no caso dos surdos a língua de sinais, as funções da escrita como a sua segunda língua será despertada, potencializando o seu progresso e reflexões críticas na sociedade. Dessa forma, pensarmos no aprendiz surdo/a e na sua condição de não só saber ler e escrever, mas ter consciência da sua importância nos contextos sociais e em suas práticas que favorecem a relação do si para com o outro.

Socialmente e culturalmente,

A pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural, não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura, sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (Soares, 2007, p. 37).

A importância da investigação está na possibilidade de contribuir para o ensino de Libras no ensino de História e Cultura Africana e na divulgação e promoção de Leis: Lei nº 10.436/2002, Lei nº 10.639/2003.

Para associarmos novamente a importância de direcionar os conhecimentos produzidos em sala de aula no contexto inclusivo para o aluno surdo, é garantir a sua língua natural a LSB, oficializada pela Lei nº 10.436/2002.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

A Lei nº 10.639/20039 estabelece a inclusão do ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira no âmbito do currículo escolar.

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras (BRASIL, 2003).

Relacionando as Leis e considerando as limitações ainda enfrentadas por sinalizantes de Libras, Tradutores, Intérpretes e Educadores de surdos, no que se refere ao léxico específico para a área de estudos da História e Cultura Afro-Brasileira, que na maioria de seus registros, são (re) produzidos através de soletração manual as palavras ou datilologia. Para a autora Gesser (2009, p. 28)

O alfabeto manual, utilizado para soletrar manualmente as palavras, também referido como soletramento digital ou datilologia, é apenas um recurso utilizado por falantes da língua de sinais. Não é uma língua, e sim um código de representação das letras alfabéticas.

Dessa forma o alfabeto manual é utilizado como recurso, para soletrar nomes próprios, lugares, países, siglas, ou algum termo que não existe na língua de sinais. No entanto para autora Gesser(2009) precisamos ter cautela em não acharmos que a língua de sinais seja limitada e muito menos pensarmos que a soletração seja a única forma de expressão comunicativa, uma adaptação de letras realizadas e convencionizadas partindo da língua oral.

Imaginemos por exemplo, quanto tempo levaria um surdo para falar uma sentença ou, ampliando bem a questão, ter uma conversa filosófica, se utilizasse apenas o soletramento manual? Travar uma conversa dentro deste enquadre s-o-l-e-t-r-a-d-o-s-e-r-i-a-c-a-n-s-a-t-i-v-o-e-m-o-n-ó-t-o-n-o-(-u-f-a!) (Gesser, 2009, p.29).

Portanto o presente artigo tem como objetivo investigar uma escola inclusiva no Município de Jacobina-BA em seu cotidiano com alunos/as surdos/as e a sua interação do processo de alfabetização na perspectiva do letramento com a temática relacionada à História e Cultura Afro-brasileira, do ensino fundamental, como a escola tem suprido a necessidade de aprendizagem dos discentes referente essa temática e quais as adaptações são realizadas para tornar o conteúdo inclusivo, contemplando as diferenças?

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através da abordagem de natureza qualitativa. Nessa abordagem a professora e a Tradutora e Intérprete de LSB responderam questões que envolveram uma ou mais variáveis, além disso, as profissionais responderam com base na sua realidade e vivência com alunos surdos/as.

Para Triviños (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. A utilização da descrição qualitativa tem como objetivo captar a aparência do fenômeno bem como suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências. Com base no autor, a pesquisa qualitativa tem como característica a busca por:

“[...] uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, a preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc.)” (TRIVIÑOS, 1987, p.132).

A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino público da rede Estadual, que daremos o nome de Canto do Saber, localizada em Jacobina – BA. Participaram da pesquisa a professora da disciplina Cultura e Identidade na sala regular e a Tradutora e Intérprete de LSB, que acompanha o aluno surdo de forma integral na sala de aula.

Para coleta dos dados foi utilizado como instrumento das entrevistas, contendo o roteiro com intuito de analisar aspectos referentes à: comunidade escolar, relação entre professor e alunos surdos/as, educação inclusiva e diferença linguística e cultural.

A análise de dados segundo as orientações de Gil (1999), ao referir à técnica de abordagem qualitativa é proporcionar o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, tendo como base a busca do que seja comum, permanecendo, todavia, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

DESENVOLVIMENTO

Após as entrevistas concluídas a respeito do cotidiano dos alunos/as surdos/as e a sua interação do processo de alfabetização na perspectiva do letramento relacionada à História e Cultura Afro-brasileira, do ensino fundamental, e como a escola tem suprido a necessidade de aprendizagem dos discentes referente essa temática e quais as adaptações são realizadas para tornar o conteúdo inclusivo, destacarei aqui algumas falas, para discutirmos sobre o assunto. Para resguardar a identidade das participantes, utilizamos nomes fictícios ao referir as mesmas, chamando de: P1, TILS 1 e TILS2.

Nesse primeiro momento, os questionamentos foram feitos para a professora, a respeito de como é a sua relação com a comunidade escolar.

“Tem sido boa, aqui nunca tive nenhum empecilho de executar o meu trabalho, tudo que preciso, ou seja necessário aplicar na sala de aula, tenho o apoio da comunidade escolar”
P1.

Como é a sua relação como professor de alunos surdos/as na educação inclusiva com a presença do Tradutor e Intérprete de Libras?

“É tranquilo, sempre que necessário tenho o apoio delas, a Tradutora Intérprete de LSB atual, tem pouco tempo que se adentrou na comunidade escolar, tem contribuído na sala para interpretar, mas percebia um diferencial na antiga profissional, demonstrava interesse e dedicação na formação do aluno surdo, percebia que a todo momento ela estava a procura de novos materiais para auxiliar na compreensão do aluno”.

Para a profissional Tradutora Intérprete de LSB que a professora cita como anterior, chamaremos de TILS2, com intuito de destacar a sua importância no que se refere as contribuições para a utilização de materiais pedagógicos, afim de contribuir no ensino e aprendizagem do aluno surdo.

Foi perguntado também a respeito da Lei 10.639, com a inclusão da disciplina História e Cultura Afro - Brasileira, na educação básica, qual tem sido o seus recursos para trabalhar com os alunos/as surdos/as?

“Aqui na escola do ensino fundamental do Estado da Bahia, não temos essa nomenclatura da disciplina, mas sim, Cultura e Identidade, não sei quando foi instituída essa disciplina, não recebi uma Ementa da disciplina e nem o livro didático para organizar as minhas aulas, no entanto, tenho trabalhado a cultura Afro-brasileira e Africana, desde a chegada dos negros ao Brasil, na sala de aula, e me preocupei com o meu aluno surdo, que está no ensino fundamental II, acho essencial essa temática na sala, até mesmo para desmistificar com os preconceitos da Sociedade, até mesmo no que se refere as Religiões de Matrizes Africanas, quando apresentei esse conteúdo para a TILS2, ela começou a pesquisar em seus materiais, alguma metodologia para aprendizagem dos conteúdos para o aluno surdo, então ela me trouxe um vídeo do YOUTUBE, com a temática relacionada a Cultura Afro-Brasileira em LSB, foi bastante interessante, quando solicitei dos alunos uma atividade

avaliativa, que será uma exposição visual da Cultura Afro-Brasileira, o meu aluno surdo não ficará de fora, ele poderá apresentar em LSB o que aprendeu através do vídeo”. P1

Por último foi perguntado à professora se a Escola Inclusiva estava preocupada com o avanço dos alunos surdos.

“Acredito que sim, embora, sentimos falta de uma formação adequada para trabalhar com os surdos, o que observo, que o meu aluno surdo fica muito dependente dos Tradutores e Intérpretes de LSB, sinto falta de uma participação mais efetiva dele, principalmente quando ocorre o processo de substituições de Intérpretes, para o aluno adaptar o novo profissional fica mais difícil”.P2

Com base na entrevista realizada com a Professora, podemos pontuar as seguintes considerações:

- O bom relacionamento do professor com a gestão escolar facilitará os diálogos e parcerias, construindo pontes e estreitando laços;
- A percepção da professora em diferenciar as profissionais, tendo como base o interesse e dedicação para com o aluno surdo, sendo humilde em aceitar sugestões a fim de repensar na práxis da sala de aula, oportunizando a utilização de novas estratégias metodológicas para contemplar o aluno surdo;
- A preocupação com a sua formação em exercício e o desenvolvimento profissional, com o intuito de contribuir com os alunos surdos ou ouvintes o desenvolvimento de atitudes autônomas, valores e habilidades que permitam ser valorizados nos espaços diferenciados;
- Percebemos a importância da atualização de conhecimentos e recursos didáticos relacionado com temática da Profissional TILS2, sinalizando o material no acervo midiático, para a professora, no intuito de contribuir na aprendizagem do aluno surdo.

Após a finalização da entrevista com a professora, entrevistamos a Tradutora e Intérprete de LSB em exercício que chamaremos de TILS2, como é a sua relação com a comunidade escolar.

“Tem pouco tempo que atuo na escola, mas estou gostando, dos professores da coordenação e direção” TILS1.

Como é a sua relação como Tradutor e Intérprete de alunos surdos/as na educação inclusiva e do professor em sala de aula?

“É tranquila, com o aluno surdo que acompanho, ele tem uma série de dificuldades, além de surdez ele tem outra deficiência que é multicefalia, o que impossibilita a aprendizagem dele, percebo que não posso utilizar de muitos sinais, porque ele não vai entender, ele é diferente de outros surdos que já acompanhei”. TILSI.

Foi perguntado também a respeito da Lei 10.639, com a inclusão da disciplina História e Cultura Afro - Brasileira, na educação básica, qual tem sido os seus recursos para atuar com os alunos/as surdos/as?

“Quando cheguei para trabalhar na sala de aula, com este aluno surdo, a professora já tinha dividido os grupos e fiquei sabendo que ele ficou com as religiões de Matrizes Africanas para apresentar, e que tem uma espécie de vídeo que o ajudará na apresentação do trabalho, não conheço ainda, mas acredito que será legal, embora o aluno surdo possua uma série de dificuldades para apresentar. A escola tem outros alunos surdos, no turno vespertino e noturno, penso que seria melhor fazer um trabalho de qualidade com eles. Mas se você souber qual é o vídeo me envia por e-mail, para assisti em casa”. TILSI.

Por último foi perguntado à Tradutora e Intérprete de LSB, se a Escola Inclusiva estava preocupada com o avanço dos alunos surdos.

“Com a escola Inclusiva, os alunos estão sendo jogados de uma série para outra, os surdos por anos não tiveram a presença do intérprete e quando tem já é tardiamente, então as escolas inclusivas precisam se preocupar mais com os alunos surdos”. TILSI.

Através os relatos obtidos na entrevista pela Tradutora e Intérprete de LSB, podemos fazer as seguintes considerações:

- O bom relacionamento e o conhecimento com a gestão escolar, tem por objetivo ampliar o diálogo e contribuições para a sua prática profissional e expansão nas mudanças afetando positivamente a todos;
- O Tradutor e Intérprete de LSB, deve reconhecer o contexto, os participantes, a sua função e as suas habilidades, mas jamais, subestimar a capacidade do individuo surdo sem analisar e discutir os fatores que ocorrem as dificuldades;

- Segundo Quadros 2004, o profissional Tradutor e Intérprete de LSB deverá entender as palavras em língua portuguesa e os sinais da LSB, vice e versa, para expressar seus significados corretamente na língua alvo. É necessário saber que o ato de Interpretar e Traduzir é passar o SENTIDO da mensagem da língua fonte para a língua alvo. Portanto o profissional precisa inteirar das pesquisas, discussões e estudos relacionados com a temática trabalhada;
- A insatisfação dos profissionais da área de LSB referente às escolas inclusivas são inúmeras, tendo como base políticas bilíngues que infelizmente poucos estados e cidades têm o acesso. Nesse ínterim os alunos/as surdos/as não poderão ficar sem assistência e ações afirmativas que potencialize o desenvolvimento nas escolas inclusivas. É sugerir atitudes favoráveis que contribua para o acesso e permanência satisfatória dos docentes surdos/as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo que teve como intuito investigar como a Escola de Educação Inclusiva do Município de Jacobina-BA em seu cotidiano com alunos/as surdos/as tem buscado alfabetizar na perspectiva do letramento com a temática relacionada à História e Cultura Afro-brasileira, do ensino fundamental, como a escola tem suprido a necessidade de aprendizagem dos discentes referente essa temática e quais as adaptações são realizadas para tornar o conteúdo inclusivo, contemplando as diferenças, chegamos a seguinte conclusão:

É de extrema importância pensarmos na prática docente em sua formação como docente em exercício da educação básica, que visa trabalhar pedagogicamente com os alunos/as surdos/as atendendo as suas especificidades, buscando formas que criem diálogos com as comunidades escolar de forma interna e externa, (re)pensando a cada dia na sua práxis. É proporcionar aos alunos/as surdos/as a prática autônoma que dialogue com as suas culturas, com a diversidade linguística e seus contextos sociais. Não podemos pensar no Letramento da educação dos surdos utilizando a Língua Portuguesa como L1 no intuito de formar indivíduos autônomos, mas assegurar a Língua de Sinais Brasileira-LSB como acesso e permanência na sociedade majoritária.

Para os Profissionais Tradutores e Intérpretes de LSB se faz necessário especializar-se no ato de interpretar e traduzir, é saber que as línguas envolvidas são distintas, entender as

diferentes culturas visual e espacial ter habilidades nos diferentes tipos de interpretação e ter propriedade com a temática em foco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

_____, Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: Cortez, 1994;

_____, Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

_____, Lei Federal nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.

GESSER, Audrei. **LIBRAS: que língua é essa?** São Paulo, Parábola, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. 2011.

QUADROS, Ronice Müller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. SEESP, 2004.

SANTOS, Carmi Ferraz; Mendonça, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. In: Ribeiro, V. M. (Org.). Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ed. Belo Horizonte, Autentica, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autentica, 1998.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.